

BRUNO MARTINS SOARES

A BATALHA DA ESCURIDÃO

— AS CRÓNICAS DE BYLLARD IDDO —

VOLUME 3

O MATA-TUBARÕES

(sample)

INCLUI A AVENTURA
PARA JOGO NARRATIVO

"ASSALTO AO LABORATÓRIO
DO DKR MARKUZZ"

— de Sérgio Mascarenhas —

GRANDE
PRÊMIO ADAMASTOR
DE
LITERATURA FANTÁSTICA
PORTUGUESA
2019

Editorial Divergência

Na escuridão do cosmos, mais uma batalha decide o destino
de tudo o que ainda respira - um novo capítulo explosivo
da saga escrita por Bruno Martins Soares.

— **Cristina Gaspar** —
Books&beers



A BATALHA DA ESCURIDÃO

— AS CRÓNICAS DE BYLLARD IDDO —

VOLUME III
O MATA-TUBARÕES
(sample)

BRUNO MARTINS SOARES

Traduzido do Inglês e adaptado pelo autor



Editorial Divergência

Novembro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: A Batalha da Escuridão — As Crónicas de Byllard Iddo

Subtítulo: O Mata-Tubarões

Autor: Bruno Martins Soares

Coordenação editorial: Arlete Gomes

Edição: Rui Bastos

Revisão: Cris Vieira e Arlete Gomes

Artista de capa: João Rodrigo Carvalho

Composição: João Rodrigo Carvalho

Ilustração das personagens: João Rodrigo Carvalho

Elementos Gráficos: Leonor Hungria

Autor do Jogo Narrativo: Sérgio Mascarenhas

ISBN: 978-989-9306-77-6

Este livro foi composto pelos tipos:

Palatino Linotype e Agency FB

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 Bruno Martins Soares

©2025 João Rodrigo Carvalho

©2025 Leonor Hungria

©2025 Sérgio Mascarenhas

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@divergencia.pt

Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



**Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU**

Para o Tiago, meu sobrinho (a.k.a. Shorty; a.k.a. Baixinho)

INTERLÚDIO E

AGENTE SECRETO

Ano 1826
4º Mês — 1º Dia

Kary Erbay tinha-nos deixado naquele dia no Porto de Fumu, no dia da Batalha de Fumu, à saída da Doca 3. Estava treinado para desaparecer imediatamente na multidão e foi isso mesmo que fez. O seu modo de andar, o modo como olhava para as coisas, era tudo fingido de modo natural, semelhante aos outros em redor. No entanto, isto não era particularmente fácil em Fumu, onde todos se vigiavam mutuamente, por isso Kary tinha de mudar as suas roupas também. Rapidamente. Antes de entrar no comboio.

Andou pelo Porto durante uns minutos. Finalmente reparou num pequeno toxicodependente à procura de uma oportunidade, talvez a tentar arranjar algum dinheiro para a sua dose do dia. Tinha uma estatura média e um casaco largo. Kary passou por ele de modo a chamar a atenção certa. Depois, entrou num beco escuro, entre os contentores de carga. Como esperava, o vagabundo seguiu-o. O pobre homem nem percebeu o que lhe tinha acontecido. Um golpe bem apontado à garganta foi tudo o que foi preciso. Um minuto mais tarde, Kary já envergava o largo casaco, movendo-se em direcção ao comboio.

O comboio fez metade do seu caminho ao redor da baía antes de Kary sair. O espião dirigiu-se então à Doca 2, na parte pobre da cidade, se é que existia tal coisa. Isto estaria a acontecer mais ou menos na altura em que o carro com os tripulantes da *Arrabat* estava a chegar ao «Hillard».

Havia uma espécie de ‘motoqueiros’ de aluguer em Fumu, que nos levariam onde quiséssemos por alguns créditos. Kary chamou um com um gesto da mão e uma cara dura. O homem travou a fundo mesmo a seu lado e Erbay saltou para a mota.

— Estou à procura de um sítio chamado Weiver. Sabes onde é?

— Claro, mister! Levo-o lá num instantinho!

Kary olhou-o nos olhos.

— Se tentares enganar-me, parto-te o pescoço.

— Não é preciso nada disso, mister! Num instantinho! Num instantinho!

O motoqueiro arrancou pelas ruas sujas e irregulares, tendo quase batido um par de vezes. Finalmente, porém, chegou a um bar com *grafitti* na porta a dizer ‘Weiver’. Kary pagou ao homem e entrou. Assim que o fez, pareceu mudar de ideias e voltou a sair. Olhou em volta, reparando que ninguém o seguia. Então, chamou outro motoqueiro.

— Estou à procura de um sítio chamado Gara. Conheces?

— Claro! Estamos lá num instantinho, não se preocupe!

Mais uns minutos e Kary estava a entrar noutra cabana decadente que era um bar. Fechou a porta de alumínio atrás de si e esperou que a visão se habituasse ao escuro. Havia pessoas a olhar para ele. Na sua maioria bêbados. Um jogador. Uma prostituta. Havia uma mesa livre e Kary sentou-se. Não era exatamente uma mesa, antes um barril com uma tábua a fazer de tampo e um caixote a fazer de banco. Uma mulher de cara escura veio ter com ele.

— O que vai ser?

— Leite síbio.

A mulher olhou-o nos olhos, com uma careta.

- Não temos.
- Leite myana, então?
- Também não temos.
- E uma cerveja Derva?

A mulher suspirou.

- *Okay.*

Ela voltou para trás do balcão como se o fosse servir, mas em vez disso chamou alguém pelo comunicador. Um momento depois, um jovem apareceu de uma porta privada e piscou-lhe o olho, tendo começado a limpar o balcão com um pano sujo. A mulher pôs um casaco e olhou para Erbay casualmente antes de sair do estabelecimento. O jovem veio à mesa com uma garrafa de Derva.

- Vinte cêntimos.

Erbay pôs uma ficha amarela em cima da mesa. O jovem pegou nela e baixou a voz.

- Quando sair, vire à direita.
- Fica com o troco — disse Erbay na sua voz normal.

Erbay bebeu a cerveja por uns minutos. Por fim, levantou-se e saiu, virando à direita. Umhas dezenas de palmos à frente, numa esquina, a mulher escura estava à espera dele.

— Venha — disse ela, movendo-se para um beco estreito. Estavam algumas pessoas no beco. A mulher parou, virou-se para Erbay, pegou-lhe na mão gentilmente, e empurrou-o, talvez romanticamente, de encontro à parede, perguntando-lhe:

- Sabe dos axxianos?

Erbay manteve-se impassível.

- Axxianos?

A voz dela, ainda baixa, tornou-se mais urgente.

- Sabe dos axxianos ou não?

Erbay tentou ler-lhe a cara. O que se estava a passar? Como ele não dizia nada, a mulher suspirou.

- Logo vi que não sabia. Venha comigo.

Ela puxou-o pela mão e atravessou outro beco. Abriu a porta de madeira. Era um pequeno quarto de armazenamento com uma moto. Ela puxou a moto para fora e montou-a, convidando Erbay para montar atrás dela. Foi o que ele fez. Ela olhou para ele.

— O meu nome é Diddee.

— Chama-me Kary.

A moto arrancou depressa.

Diddee conduziu a moto a alta velocidade através das ruas sujas, à medida que o caminho ia ficando cada vez mais estreito, entre as cabanas irregulares de alumínio. Finalmente, encontraram melhores estradas, mais largas, e edifícios de concreto. Erbay nunca tinha estado nesta parte da cidade. Era a parte industrial. Onde faziam a comida e a água e o combustível e o ar.

Estacionaram a moto numa esquina discreta, nas traseiras de um edifício relativamente alto.

— Onde é que me levas? — perguntou Erbay.

— Tens de ver isto — disse ela, abrindo uma pequena porta. Kary parou por um segundo. E se fosse uma armadilha?

— Tenho de saber da mulher — disse ele. — Sabes de quem estou a falar. Preciso de saber onde ela está.

— Eu mostro-te.

Diddee esperou que ele se decidisse. Finalmente, Erbay pegou na arma que tinha atrás da cintura, encaixou-lhe um silenciador e seguiu-a para dentro do edifício.

Encontraram uma escadaria. Diddee começou a subir e Erbay seguiu-a. Subiram até lá acima. Diddee abriu outra porta e saíram para o terraço. Ela agachou-se imediatamente.

— Baixa-te. — Ela avançou para uma esquina e escondeu-se atrás do muro baixo. Com a cabeça baixa, Erbay seguiu-a e sentou-se no chão ao lado dela.

— O que foi? — perguntou.

— Olha lá para baixo — respondeu ela.

Erbay levantou a cabeça e olhou para lá do muro.

— Foda-se.

Quase não acreditava no que estava a ver com os próprios olhos.

Era um complexo. Um grande complexo. Tinha vários edifícios de concreto, bem feitos, e tanques de combustível e de água e algumas estruturas que pareciam tanques de armazenamento de cereais. E para além desses havia uma doca. Uma grande doca. E havia dois Silenciosos axxianos atracados. E havia pessoas a irem e a virem. Para aqui e para ali. A maioria deles tinha uniformes axxianos, muitos deles tinham uniformes negros das XX e a maioria estava armada. E também havia cães, e luzes e espelhos em todo o lado.

— Mas que porra é esta? — murmurou Kary.

— Não sabias disto?

— Não. Há quanto tempo é que isto está aqui?

— Estiveram a construir durante meses. Os tanques ficaram prontos há algumas semanas.

— Por que merda é que não reportaram esta coisa?

— Mas é isso mesmo: reportámos.

Voltaram para a moto e ela levou-o a uns edifícios mais abaixo, onde lhes abriram uma garagem por onde entraram. E então foram levados por um homem de ombros largos até a um escritório sujo, onde mais dois homens os esperavam.

— Este é o Joff. E Ryld e Nahan — disse Diddee. — Este é o Kary.

Erbay olhou para eles. Pareciam trabalhadores das fábricas. Mas havia plantas de edifícios, armas, munições e explosivos sobre a mesa. Nahan era médio em altura, no peso e em tudo o resto. Joff era grande, ombros grandes, olhos grandes, tudo grande. Ryld tinha óculos redondos e olhos negros, era magro e pequeno.

— Ele não sabia das naves — continuou a mulher.

Olharam uns para os outros, confusos.

— Sabiam que eu vinha? — perguntou Erbay.

Todos assentiram.

— Quem é que estava encarregado de comunicar connosco?

Todos olharam para Ryld. Ele pestanejou várias vezes. Erbay não o largou.

— És um traidor. O que é que disseste aos axxianos?

Ryld devia ter reagido imediatamente. Devia ter treinado para aquele momento, sabia que viria, devia ter negado imediatamente. Mas hesitou. Hesitou um pouco demais. E ficou claro para todos que era verdade. Que era ele o traidor. Ele moveu-se muito rapidamente, mas Kary foi ainda mais rápido. Avançou. Ryld agarrou nalguma coisa.

— Granada! — gritou Nahan.

Ryld tinha uma granada na mão, sem a patilha de segurança. Mas antes que a pudesse largar, Kary tinha uma mão à volta dela também, a sua outra mão a agarrar a traqueia do rapaz, a empurrá-lo de encontro à parede. Nahan foi muito rápido. Pegou num saco balístico cheio de explosivos, deitou os explosivos em cima da mesa e pôs o saco à volta das duas mãos e da granada.

— Já o tenho!! — disse para Erbay. — Tire a sua mão! Tire a sua mão! O saco aguenta!

Diddee e Joff também já estavam a agarrar Ryld e a bloqueá-lo de encontro à parede. Kary retirou a mão do saco, deixando apenas a mão de Ryld e a granada lá dentro. Mas quando fez isto, ouviu-se um bater dentro do saco.

— Ah! Não!! Deixei-a cair!! — gritou Ryld, aterrorizado.
— Deixei-a cair!!

Erbay rapidamente rodou o corpo e atirou o miúdo para um canto. Houve um estrondo abafado, mas o saco aguentou. Ryld ficou a gritar como um louco, com a sua mão despedaçada dentro do saco. Didee pegou num trapo e forçou-o para dentro da boca dele, para o calar, mas Kary disse:

— Sai. Sai. — Didee olhou para ele e viu a arma e no momento seguinte a bala de Kary entrou pela testa de Ryld.

Ficaram todos em choque. Olharam para o corpo e para Erbay e para cada um. Em choque. O que tinha acabado de acontecer? O que tinha acabado de acontecer? Nahan, claramente o líder, foi o primeiro a falar.

— Podíamos tê-lo usado. Tínhamos de saber o que eles sabem.

Kary abanou a cabeça.

— Não havia tempo. Podíamos ter demorado dias para conseguir que ele dissesse alguma coisa de útil e teria sangrado até à morte nalguns minutos de qualquer forma. Não havia tempo. — Kary olhou para eles intensamente. — Ouçam. Não têm tempo. Têm uma operação preparada? Têm um plano?

Nahan assentiu.

— Vamos explodir os tanques de combustível e de oxigénio. Feri-los a todos.

Kary concordou com a cabeça.

— *Okay*. Então têm duas opções. Ou abortam, e neste momento não me parece uma má opção pois não sabem o que eles sabem. Ou...

Olharam para ele.

— Ou o quê, senhor? — perguntou Joff.

— Ou vão hoje. Já. Antes que eles saibam que este tipo está morto. De qualquer forma, têm de me levar para dentro do complexo. *ASAP*.

Olharam uns para os outros.

— E se eles sabem que está aqui? — perguntou Nahan.

— Bem... — Kary abriu as mãos. — Essa é mais uma razão para eu ir. Tenho de me assegurar que a minha operação ainda está activa.

Olharam uns para os outros uma vez mais e pareceram concordar. Nahan virou-se para Erbay.

— Vamos, então.

Arrumaram o equipamento e esconderam o corpo de Ryld num armário, foram até a um elevador e desceram abaixo do chão. Erbay seguiu os três cúmplices por um corredor estreito e escuro cheio de cabos, tubos, canos e válvulas. Finalmente, pararam numa área junto a um cano grande que seguia para dentro de uma parede.

— Esta é uma fábrica de água — explicou Nahan. — Fazemos água de gelo subterrâneo e reciclamos da cidade. Enviamos-la para vários sítios. Este cano vai até ao complexo axxiano.

— *Okay* — percebeu Erbay.

Joff estava a mover uma roda para abrir uma escotilha. Diddee tirou de um saco um cabo fino de metal. Amarrou-o a um outro cano sólido.

— A pressão da água é irregular, mas a maior parte do tempo não enche o cano todo, por isso temos espaço para passar.

Kary ergueu a sobrancelha.

— A maior parte do tempo?

Nahan mostrou-lhe um pequeno aparelho electrónico com um mostrador.

— Temos um medidor de pressão a montante. Pode dar-nos dois minutos de aviso se a pressão ficar muito alta. Dois minutos deve ser o suficiente para chegarmos ao outro lado.

— *Okay*. Quem vai?

— Bem... Todos nós.

Erbay ergueu a sobrançelha de novo.

— Tem de ser — insistiu Nahan. — Diddee vai levá-lo onde quer ir e Joff e eu temos os dois de colocar as cargas. Era suposto Ryld ter ficado para trás...

Erbay suspirou.

— Então ninguém vai ficar a vigiar o cabo? Estamos por nossa conta?

Concordaram com a cabeça. Erbay acenou de volta.

— Digam-me o que fazer.

— É simples: vamos vestir os fatos de mergulho e então vamos atracá-lo a este cabo e você vai para dentro de água. Só tem de deixar a corrente levá-lo oitenta palmos. Vai haver outra escotilha. Está armada para abrir por dentro.

— Não me digam que foi Ryld quem preparou isto.

Nahan não sorriu.

— Não. É seguro. Foi o Joff, ontem.

Joff assentiu.

— Depois volta da mesma maneira que entrou. Tome.

O jovem deu a Erbay um aparelho de escalada.

— Encaixe o cabo nisto e vai puxá-lo de volta contra a corrente.

Erbay assentiu.

— *Okay*. Dêem-me o fato.

Começaram a despir-se. Kary reparou que Diddee era uma bela mulher.

Alguns momentos depois, estavam todos com fatos de mergulho.

— Eu vou primeiro – disse Nahan. Anexou o colete ao cabo e entrou pela escotilha. Os outros podiam ver o cabo tenso. Após uns segundos, todos ouviram o som das máquinas e da água a correr pelo cano. Joff tinha um transmissor na mão e em breve souu a voz de Nahan a chamar.

— Próximo.

Erbay foi a seguir. Encaixou o cabo no aparelho do colete, e Joff deu-lhe a última instrução na sua voz de baixo.

— Não largue o cabo. O aparelho vai fazer a maior parte do trabalho, mas tem de manter as mãos no cabo por segurança. Eu digo-lhe quando ir. Depois do meu sinal tem menos de dois minutos para passar pelo cano. Deixe a corrente levá-lo, e Nahan vai estar do outro lado. Pronto?

Erbay assentiu e entrou no cano. Joff estava a controlar a pressão, a certificar-se de que teria tempo para fazer o caminho. Diddee fez-lhe um último sorriso.

— Força – disse Joff.

Kary deslizou para a água gelada. O cano estava cheio até meio mas a corrente era forte e tornou-se imediatamente difícil de respirar e de controlar o movimento do corpo. Ele agarrou no cabo e estava a deixar-se ir de modo a que o pequeno aparelho agarrado ao seu colete controlasse a velocidade. Sentiu que estava a embater nas paredes e que a travessia durava uma eternidade.

Finalmente, porém, sentiu as mãos de Nahan a agarrarem-lhe a perna e logo todo o seu corpo. Conseguiu sentir a escotilha aberta acima dele e depois ver as luzes e a sombra do corpo de Nahan. Agarrou a mão estendida e puxou. E no momento seguinte estava fora.

— Largue o cabo. Tem de largar o cabo – murmurava Nahan, mas Erbay recuperou o controlo rapidamente e desencaixou o cabo do seu aparelho, deixando-o na água para que Diddee atravessasse.

— Tome. – Nahan passou-lhe uma pistola-metralhadora *Zimo* com silenciador, e Erbay olhou em volta. Estavam atrás de um silo de cereais, entre dois edifícios que lhes davam cobertura. Havia gente em volta, claramente, e ele conseguia ouvir um cão a ladrar perto dali. Tinham de ser rápidos. Não podiam ficar ali muito tempo. Erbay verificou a *Zimo*, e Nahan passou-lhe um carregador extra.

Não falavam. Kary tinha a impressão de que o ruído da água vindo da escotilha seria suficiente para revelar a presença do grupo, mas sabia por experiência que eram só os seus sentidos a enganá-lo. A apenas umas dúzias de palmos de distância o som seria muito menos óbvio.

Diddee trepou para fora do cano a respirar com dificuldade e parecendo um pouco perturbada pela travessia. E Joff apareceu uns minutos depois. Armaram-se. Nahan pegou no medidor de pressão das mãos de Joff e escondeu-o debaixo do cano.

— Os primeiros a voltar podem usá-lo e voltar a escondê-lo para os outros, certo? — murmurou. Todos concordaram.

Finalmente, separaram-se. Erbay seguiu Diddee para a direita, e Nahan e Joff seguiram em direcção aos tanques.

Para lá dos primeiros edifícios, Kary viu o que pareciam alguns *bungalows* e um edifício de escritórios. Havia um espaço vazio entre eles e os *bungalows*, iluminado e com guardas armados a fazerem rondas. Diddee guiou-o para uma vala com cabos de electricidade e mais canos. Tiveram de rastejar pela vala, cerca de 200 palmos.

Por fim, chegaram às traseiras do edifício de escritórios. Surpreendentemente, porém, Diddee levou Kary em direcção a um *bungalow*. Tiveram de se baixar enquanto corriam, mas conseguiram chegar lá sem que ninguém os visse. Olharam pela janela e não viram nada. Diddee levou-o a uma entrada das traseiras e mostrou considerável habilidade em abrir a fechadura em muito poucos segundos. E entraram.

No momento seguinte, perceberam que estava alguém no *bungalow*. Algures na frente. Na sala de estar, talvez. Não havia luz. Todas as janelas pareciam estar fechadas. Vinha alguma luz da frente. Luz eléctrica. Interna. E movimento. E pessoas.

Diddee levou um dedo aos lábios e Kary fez um sinal com a mão para que ela ficasse atrás dele. Colou a *Zimo* contra ao ombro e avançou, silenciosamente.

Finalmente, viu-a. Depois de ter verificado os quartos com as portas abertas, chegou ao fim do corredor. Havia uma cortina. E não estava completamente fechada. E viu-a. A Enfermeira Eiste, ou Nina Zauer, ou quem quer que fosse. Estava ali. Quase despida. A fumar um cigarro. Com batom nos lábios. Batom vermelho. Usava botas pretas altas, uma mini-saia negra e um *soutien* negro de renda. E era isso. Tinha um sorriso no rosto e olhava para algo que Kary não conseguia ver. Diddee tinha-o trazido mesmo para a boca do lobo. Talvez até demasiado perto. Moveu-se um pouco. Sempre silencioso. Ali. Estava ali outra mulher. Uma loura. Nua. Acorrentada à parede. De joelhos. Tinha a cabeça baixa e o corpo fraco estava com dificuldades em aguentar-se.

Então Nina Zauer pôs o cigarro num cinzeiro de metal. Avançou e atirou com o fumo à cara da loura. A prisioneira tossiu um pouco e Nina esbofeteou-a com força. Então, pôs a mão por baixo da saia e esfregou os dedos na vagina. E tirou os dedos molhados e enfiou-os com força na boca da loura, que se engasgou e gemeu, torcendo-se, tentando em vão cuspi-los.

Houve um bater à porta e Nina parou o que estava a fazer e foi abrir. Um tenente das XX com um uniforme negro entrou. Olhou com desdém para a loura e para o quarto todo.

— O *Korroner* lamenta — disse o oficial. — Não vai poder comparecer. Tem um compromisso para jantar com o Sr. Yeno que vai demorar mais do que o previsto.

— Que pena...

— Vejo que começou sem ele.

— Estou certa de que ele não se vai importar.

Kary estava a tentar decidir o que fazer. Após um momento, decidiu simplesmente partir discretamente. Aparentemente, Nina Zauer estava bem, aceite pelos axxianos, não estava comprometida. Tudo o que Kary tinha de fazer era ir-se

embora e seguir-lhe o sinal. Mas então sentiu o metal frio na parte de trás do pescoço. O cano de uma arma.

— Por favor entre para a sala, Sr. Espião — disse Diddee atrás dele. — Vão ficar felizes por vê-lo. Deixe a arma no chão.

Kary hesitou um segundo, mas percebeu que era melhor obedecer. Deixou a Zimo no chão e passou pela cortina.

— Com licença — disse Diddee, à medida que entravam na sala.

O tenente tirou a pistola do coldre e Nina levou a mão à boca, surpresa.

— Kary! O que estás aqui a fazer?

— Olá, Senhorita Diddee — disse o oficial. — É ele?

Erbay olhou para trás um pouco, antes de Diddee o empurrar para a frente.

— Desculpe lá — disse ela.

— Porque é que me trouxeste até aqui? — perguntou ele.
— Porque é que não me mataste antes?

— Eles querem-no vivo. Ponha as mãos bem alto.

Kary levantou as mãos.

— Bem! — disse Nina Zauer, sorrindo para ele. — Que bela reunião que temos aqui!

— Sabe quem ele é? — perguntou o tenente.

— Claro. O seu nome é Kary Erbay. Pelo menos é o nome que eu conheço. Estava no hospital com o Almirante Cavo.

— Isso é bom de saber. Estou certo de que terá muito para nos dizer. Mais alguma coisa que nos queira dizer, Senhorita Zauer?

Havia qualquer coisa no tom de voz do tenente que surpreendeu Nina. Ela olhou para ele com uma careta.

— O que quer dizer com isso?

O tenente levantou os ombros de uma forma estranha.

— Bem, o *Korroner* pediu-me para lhe dar uma coisa. Agora que a Senhorita Diddee e o Sr. Erbay estão aqui, acho que é altura de lha dar.

Todos naquela sala perceberam o que se ia passar a seguir. Nina tentou falar, a escrava loura levantou a cabeça, Diddee ficou tensa.

Antes de continuar tenho de dizer uma coisa. Como já devem saber, eu cresci no meio das artes marciais. E, ao longo dos anos, tornei-me muito competente. Era capaz de derrotar a maior parte das pessoas que defrontei no ginásio ou em acção se tivesse a oportunidade de as defrontar num corpo-a-corpo.

O que não saberão é que ao longo dos anos e desde a guerra, tive o prazer de defrontar Kary Erbay seis vezes no tapete em treino amigável. Dessas seis vezes fui incapaz de o derrotar uma única vez. Era o homem mais rápido que eu conheci e a sua arte era perfeita. O seu estilo era fluído e mortal. Foi o único homem que nunca consegui bater.

Quando o tenente das XX disparou a arma e acertou na cara de Nina Zauer, Erbay moveu-se. Virou-se, desviando a arma de Diddee com um braço e rodando para trás dela. Uma lâmina escondida surgiu-lhe na mão direita e subitamente voou pela sala e entrou no pescoço do tenente. Diddee tentou virar-se, mas o braço esquerdo de Kary impediu-a. O seu pé esquerdo bateu-lhe no joelho e ela caiu sobre ele. E então Erbay agarrou-lhe a cabeça com as mãos, torceu-a rapidamente e partiu-lhe o pescoço. O corpo caiu no chão, sem vida.

O tenente axxiano ainda estava vivo, com o sangue a sair-lhe em golfadas pela garganta, e tentava levantar a arma para Erbay. O espião levantou calmamente a pistola-metralhadora *Zimo* com silenciador das mãos de Diddee, verificou-a, engatilhou-a e disparou uma rajada curta no peito do axxiano. E pronto.

Kary Erbay olhou em volta. Aquilo tudo era um sarilho. Como era possível que a célula da Quinta em Fumu estivesse assim tão comprometida? Havia três corpos no chão e um deles era a agente que ele estava a usar para infiltrar o inimigo. Merda!

Erbay sentou-se no sofá, por um minuto.

— Suponho que não a quisesses morta — disse subitamente a prisioneira loura em webburiano perfeito. — A morena?

Kary levantou a cabeça. Quem era esta mulher? Ela falava num tom baixo, fraco, mas não era estúpida. Ele não disse nada.

— Ela disse que você estava com o Almirante Cavo. Isso é verdade?

Kary continuou a olhar para ela em silêncio. Ela estava magoada e abatida. Devia ter sido vendida aos axxianos por algum mercador de escravos. Era uma coisa bastante comum em Raven. Ela falou outra vez.

— Queria que ela estivesse junto do *Korroner*? Talvez tivesse um aparelho com um sinal a marcá-la? Eu sei que ele vai partir amanhã. Para o Mar da Escuridão, algures. Uma nave que eles têm por lá.

— Ouça... — disse Kary, finalmente. — Como é que se chama?

— Mira — disse a loura. — O meu nome é Mira.

— É webburiana?

— Sim.

Kary suspirou.

— Ouça... Eu não tenho maneira de a tirar daqui. Lamento.

Ela sorriu. Pareceu sorrir. Cuspiu sangue no chão. Nina devia tê-la magoado com os dedos na boca, ou com a bofetada.

— Eu sei — disse ela. — Já percebi. Mas talvez eu possa ajudá-lo.

Ele ainda não confiava nela.

— Não é preciso.

Ela moveu-se, tentando ficar mais confortável com as correntes.

— Ele vai levar-me.

Erbay levantou uma sobrancelha.

— Como assim?

— O *Korroner*. Ele comprou-me. Vai levar-me com ele.

Erbay ficou a olhar para ela. Ela estava a dizer o que ele pensava que ela estava a dizer?

— Ele vai levá-la?

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim. Eu sei que não me pode salvar agora, mas se me seguir, se houver maneira de eu levar o seu sinal ou fazer-lhe um sinal qualquer de onde eu estiver, então talvez consiga ir buscar-me e salvar-me, o que acha?

Erbay pensou por um momento. Estava a ficar sem tempo. A qualquer momento, Nahan e Joff iriam começar a demolir coisas, ou alguém podia vir bater à porta do *bungalow*. Tinha de decidir rapidamente.

A mulher voltou a falar:

— O que é o pior que pode acontecer?

Erbay olhou em volta. Ela tinha razão. O sinal já estava comprometido nesta altura. A operação ia por água abaixo se ele não fizesse o que ela sugeria. Valia a pena o risco.

— Não posso garantir nada. Você pode morrer de qualquer forma.

Ela pareceu sorrir outra vez.

— Pelo menos morro a ajudar ao esforço de guerra. Pelo menos eles que se lixem. E para ser franca, se não conseguir salvar-me, mais vale que morra, de qualquer forma.

Erbay assentiu.

— *Okay*. Consegue levar o aparelho consigo?

Ela olhou para ele.

— De que tamanho?

Kary apontou para o corpo de Nina.

— Ela levava num dente.

— Pode ser então. Eu engulo-o.

— Tem a certeza?

— Tenho a certeza. Prometo que não o perco.

Erbay foi buscar a sua lâmina ao pescoço do oficial, limpou-a no uniforme negro, e depois foi ao corpo de Nina e abriu-lhe a boca. Com a lâmina, tirou-lhe um dos dentes. Olhou para ele, todo ensanguentado. Havia várias garrafas de espirituosas a um canto.

— O que é que bebe? — perguntou.

— *Awrey* — respondeu ela.

Ele pegou numa garrafa de *awrey* e usou-o para limpar o dente de Nina o melhor que pode. Então aproximou-se da escrava e olhou-a nos olhos.

— Quer que diga a alguém que a vi? Tem família?

Ela abanou a cabeça.

— É melhor não — disse ela, com uma voz fraca. — Se tudo correr bem, digo-lhe eu própria. Se não... Enfim... É melhor não.

Erbay assentiu. Colocou-lhe o dente de Nina na boca e deu-lhe *awrey* a beber para empurrar.

— Obrigado — disse ela.

— Vai ter de explicar o que se passou aqui. Era suposto Nina ter trazido um *chip* com informação para os axxianos.

Mira olhou para o corpo.

— Tente o medalhão à volta do pescoço. Ela dá muito valor àquela merda.

Kary foi ver o medalhão. Conseguiu abri-lo. O *chip* estava lá. Ele meteu-o no bolso.

— Bem apanhado — disse. — Quando eles vierem, diga-lhes que estive aqui, que a matei e que levei o *chip*. Eles vão acreditar em si.

Ela concordou e ele preparou-se para partir.

— Obrigado — disse ele.

— De nada. Por favor, não me deixe lá sozinha.
Ele assentiu.
— Vou fazer o que puder.
E saiu.

Com a sua *Zimo* na mão, Erbay fez o caminho inverso ao que tinha feito e voltou para o grande cano de água e ao buraco pelo qual tinha entrado no complexo. Percebeu rapidamente que nem Nahan nem Joff tinham voltado ainda, pois os seus aparelhos de escalada ainda ali estavam. Também encontrou o medidor de pressão. Olhou para ele. Não havia saltos de pressão no cano. Podia avançar.

Atrelou o seu aparelho ao cabo e deixou-se cair na água gelada. A água estava um pouco mais alta do que antes, mas ainda havia cerca de metade do cano livre para ele respirar. Clicou no botão certo no aparelho e as rodas começaram a puxá-lo ao longo do cabo, contra a corrente. A água estava mesmo gelada e ele tentou nadar um pouco, usar um braço para ajudar a puxar. Foi um erro. A outra mão escorregou e ele perdeu o controlo. A cabeça foi para debaixo de água, engoliu líquido, empurrou com a perna, conseguiu inspirar e o pé escorregou e voltou a submergir. As suas mãos moviam-se freneticamente no ar e subitamente encontrou o cabo. Segurou-se desesperadamente e conseguiu agarrar também com a outra mão. E puxou-se, e respirou. Mas agora o aparelho estava preso. Não funcionava. Erbay conseguiu baixar uma mão e encontrar os botões certos, ou assim lhe pareceu, mas as rodas ainda não se mexiam.

Acalmou-se. Recorreu ao seu treino e foi capaz de se acalmar. E sabia que tinha de decidir rapidamente. A água poderia subir de um momento para outro: tinha dois minutos para fazer a travessia de forma segura e esses já tinham passado, certamente. E estava a ficar cansado. Por isso, decidiu.

Com a mão esquerda, desatrelou-se do aparelho. Assim que o fez, o aparelho perdeu o contacto com o cabo e caiu para a água, desaparecendo. Agora, apenas a mão direita de Erbay, protegida pela luva, o segurava ao cabo.

Tinha de se mover. Agarrou o cabo com a mão esquerda acima da direita. E então a direita acima da esquerda. E por aí fora. Avançava pouco a pouco. Já não devia estar longe da saída, pois via alguma luz. Mas estava a ficar cansado. A água estava gelada e a forte corrente puxava-o para trás. Estava a mover-se apenas pela força dos braços e isso exigia um esforço tremendo. Quase suspirou quando a sua mão esquerda atingiu finalmente a abertura. Agora tinha de se erguer.

Mas então ouviu um ruído alto e percebeu instantaneamente o que era. Era a água. O cano ia encher rapidamente. A corrente seria incrivelmente forte. Ele tinha de sair dali. Puxou-se com a outra mão e o seu peito já estava fora do cano e no quarto seco quando subitamente sentiu a água a puxá-lo com uma força quase inacreditável. Quase perdeu o apoio, mas agarrou outro cano e abraçou-o com os dois braços, segurando-se com toda a força, sentindo as pernas a serem puxadas sem perdão. Cinco, dez segundos. Pensou que não ia conseguir aguentar. Mas o seu pé esquerdo encontrou um ponto de apoio e ele empurrou, e no segundo seguinte a pressão da água aumentou ainda mais e em vez de o puxar para baixo, empurrou-o para fora e ele foi atirado para o chão enquanto uma torrente de água molhou o espaço.

Por um minuto ou dois, Kary não conseguiu fazer nada senão ficar ali no chão, exausto, enquanto esperava que a água parasse de jorrar. Mas finalmente, parou. E foi nessa altura que ele sentiu as explosões e as sirenes. Nahan e Joff tinham completado a sua missão. Pelos vistos, aqueles não eram traidores...

Erbay levantou-se e mudou de roupa, que estava ainda seca no saco onde a tinha escondido. E então pegou no seu comunicador de pulso e enviou uma mensagem. Dizia: «Maçã».

Uns minutos depois, Erbay viu os dois bombistas a surgirem no cano e ajudou-os a sair. Estavam exultantes. Tinham conseguido rebentar com vários tanques e tornar a doca axxiana inútil por algum tempo. A excitação esmoreceu, no entanto, quando Kary lhes falou de Diddee. Teriam de ser cuidadosos, daqui para a frente — e de facto a célula webburiana em Fumu praticamente desapareceu nesse dia, e os restantes membros do grupo tiveram de evacuar do planeta-anão nos dias seguintes, apagando qualquer sinal da sua existência, de acordo com as sugestões de Erbay.

Nesse dia, Kary Erbay deixou-os depois de lhe dizerem tudo o que se estava a passar em Fumu. Como Yeno estava a planear vinganças e uma verdadeira aliança com Axx. Então, usou a moto de Diddee para atravessar a cidade até ao porto. Foi aí que trepou para o topo do comboio e apareceu na carruagem.